Natal, 27 de novembro.

Meu querido Lans,

pensava em você com vontade muita de te escrever, de te dar notícia da minha ida no próximo dia 8 ao Rio, quando recebo tua carta do coração. A alegria menina e o entusiasmo, me deram um momento de insidez, no qual tive (e mantenho agora) consciência do sacrifício que faço: o desejo de te encontrar para nos "conhecermos" de novo — é uma vontade, sobretudo, depois da leitura com pesquiza de "Os herdeiros falsos". Das viagens de Bernard, e Olivier, resultaram a ambos várias transformações, e Gide acusa "desejo maior de ser visto", que ver o amigo. No nosso caso — com transformações e tudo — há, sem dúvidas, o equilíbrio dos desejos. — É que a nossa flôr de sangue (ou de leite), despetalada, nos dê resultados felizes!

Te queixas do ambiente, e o ambiente é o mesmo para todos nós, aqui, aí, ou em Paris. O que se nota é insatisfação e angústia, embora o ambiente quase do "adverso", nos torne insuficientes e sem estímulo, e é o que sentimos. Mas as rosas, rebeldes eternamente, não querem morrer nunca: e enquanto não pendem dos galhos, por sobre jarros de porcelana — nós as fincamos no chão.

Ah, falas dos teus "colegas", e gosto, pois te sentir bem distante deles, separados por tudo. (Lamento que na vida, sejas irmão desses filisteus — e nem ao menos posso te libertar!)

Es. - Por todo o mundo, não percamos essa oportunidade de nos encontrarmos no Rio - será talvez a última, - Lans.

Saudade, infinita saudade de tua carta, o Lans. Essas horas tristes, de tua tristeza - tristeza sem nome. O sofrimento te dá tua carta, lembra um sabor de coisa já provada, mas, agora, com desgosto, pelagens sublimes como se fosse apenas a água da água.

Quem falou em comida nos seus velhos anos? Sim, sim, sim, o chopp e a cerveja sublimes? Sim, sim, sim, é, sim, é, sim, é

Sabatinda, impressiona na tua carta, o lirismo. Escreves bonito, e de muito bisto — gosto disso muito. O espírito da tua carta, lembra um quadro do amigo Di Lavarra: ao longe uma mulher rasgada, trazendo os braços, uma cara de anjo.

Mas, falemos um pouco das outras coisas.

Tens usado a gravata madrilenha? Fica feliz, pio mesmo, e leva para o Rio — lá me darás. Sa Roas meu Diario, mas rasguei, que todo dia estou mudando de idéias, e ultrapasso sempre as anteriores. Tenho notas sobre Gide, não sei se sabes, que também estou muito confuso, e sinto não teres escrito mais nada. E por falar em "escrever", o suplemento do Diario de Pernambuco de amanhã, vai publicar conto meu com nota biografica, será o primeiro publicado. Se conseguir dinheiro para comprar mais de um exemplar, pois estou de tanga, te mando um via Clair para pagares aí, ok? (Lugar e transporte).

Sim, já leste o "esfarrapado" Chenet?, ainda não chegou por aqui, e não tenho pressa pois sei que ainda não estou preparado para tão grande sujeito. Falo mais nos tempos.

Acabo por falta de novidades. Escreve, também, logo.

E aí dia 8 no Rio, não é mais nada?

Meu abraço estupendo,

Jerônimo